

Memorar, me-morar, demorar¹

Carla Rodrigues²

143

Resumo

Este artigo se escreve em torno de uma palavra – memorar – e circula em torno dela a partir das possibilidades de articular memória e demora, memória como uma habitação instável do sujeito do inconsciente, e memorando como um gerúndio do verbo memorizar. É em torno disso que habito, demoro, e trabalho a fim de interrogar os pressupostos da filosofia transcendental, dedicada a pensar as condições de possibilidade de conhecer os objetos. Trata-se de pensar a possibilidade de desconstrução – aqui tomada como uma leitura das brechas, das margens, dos restos – a partir das relações que o pensamento do filósofo Jacques Derrida estabelece com a psicanálise de Freud, que lhe fornecerá os elementos para interrogar os regimes de validade da verdade.

Palavras-chaves

Pensamento da desconstrução ; filosofia transcendental ; memória

Resumée

Ce texte s'écrit autour d'un mot – mémorisant – et circule autour de lui à partir des possibilités d'articuler mémoire et demeure, mémoire comme habitation instable du sujet de l'inconscient, en mémorisant comme gérondif du verbe mémoriser. C'est autour de ce je qui habite, demeure, s'attarde, que je travaille afin de reprendre et d'interroger les présupposés de la philosophie transcendantale, vouée à penser aux conditions d'une possibilité de connaître les objets. Il s'agit de penser à sa possibilité de déconstruction – ici comprise comme une lecture des marges, des brèches, des restes – à partir des rapports que le philosophe Jacques Derrida établit avec Freud, auteur qui fournira au philosophe les éléments pour interroger les régimes de validité pour la vérité.

Mots clés

Déconstruction ; philosophie transcendantale ; mémoire

¹Versões anteriores deste texto foram apresentadas no XI Encontro Regional Sudeste de História Oral, UFF, Niterói, junho/2015 e no VIII Encontro Internacional da SIPP/ISSP, USP, São Paulo, novembro/2015.

²Professora de Ética no Departamento de Filosofia da UFRJ desde 2013. Doutora e mestre em Filosofia pela PUC-Rio. E-mail: carla.ifcs@gmail.com

Contas histórias sempre foi a arte de contá-las de novo.

Walter Benjamin.

Introdução

Este artigo texto se escreve em torno de uma palavra – memorando – e circula em torno dela a partir das possibilidades de articular memória e morada, memória como habitação instável do sujeito do inconsciente, memorando como gerúndio do verbo memorar, como aquilo que é notado, anotado, e precisa ser registrado, lembrado, memorado. Também posso decompor o verbo como me-morar e introduzir, a partir deste pequeno traço, a ideia de um verbo reflexivo, como se fosse possível produzir uma sinonímia entre memoro, por que me lembro, e me moro, por que me habito enquanto sujeito da linguagem e do inconsciente (e não como senhora da minha própria morada). É de certa forma em torno desse eu que habita, mora, demora, que trabalho a fim de retomar e interrogar os pressupostos da filosofia transcendental, dedicada a pensar nas condições de possibilidade de conhecer o objeto. Trata-se não de aprimorá-los ou revê-los, mas de pensar a sua possibilidade de desconstrução – aqui entendida como uma leitura das margens, das brechas, dos restos – a partir das relações que Derrida estabelece com Freud, autor que fornecerá ao filósofo as ferramentas para interrogar o estabelecimento de regimes de validade para a verdade.

Esse percurso só consigo fazer em termos de circulação. Passo por noções como inconsciente, escrita psíquica, memória e suplemento, para abrir as fendas pelas quais quero deixar escorrer os pressupostos da filosofia transcendental. Minha intenção é, trilhando estas fendas, apontar como gesto ético-político a impossibilidade de fixar regimes de validade de toda objetividade possível. Um trilhamento que supõe também uma certa violência e uma certa resistência diante da efração [frayage], aqui marcada pela sua sinonímia com ruptura, infração, considerando, com Derrida, mas também com Nietzsche e Freud, que não há trilhamento puro sem diferença, e não há diferença sem força de arrombamento.

Deslizamentos

Se a filosofia transcendental nasce da intenção de estabelecer as condições de possibilidade dos regimes de validade da verdade, é lendo Derrida e lendo os autores que ele leu que deslizo do transcendental para o quasi-transcendental. Com este termo tomado emprestado do comentador Rodolphe Gasché (1994), mas encontrado também

no comentador Patrice Maniglier, questiono as condições de (im) possibilidade do conhecimento a partir da memória, que já não é mais a memória garantidora do saber, tal qual concebida nas primeiras linhas da *Metafísica* de Aristóteles, que cito, só para lembrar: “Os animais são naturalmente dotados de sensação; mas em alguns da sensação não nasce a memória, ao passo que em outros nasce. Por isso estes últimos são mais inteligentes e mais aptos a aprender do que os que não têm capacidade de recordar (...) Nos homens, a experiência deriva da memória” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, 980b).

Lembrar era condição da experiência e do conhecimento. Mas quando, com Freud, a memória deixa de ser o instrumento capaz de trazer de novo à presença aquilo que foi conhecido, altera-se, pela diferença e pela *différance*, o regime de validade do conhecimento. Memória como outra forma de temporalidade e, portanto, outro modo de pensar tanto a história da filosofia quanto a filosofia da história, que em Derrida estão co-implicadas: “A filosofia da gênese à qual nós nos ligaremos nega precisamente a possibilidade de tal distinção, metódica e convencional. Ela nos revelará nas suas implicações radicais a inseparabilidade essencial destes dois mundos de significação: história da filosofia e filosofia da história” (DERRIDA, 1990, p. 1).

Em outras palavras, Derrida está ao mesmo tempo questionando o ideal de origem que organiza e funda a história da filosofia e o ideal de finalidade e *telos* que fundamenta a filosofia da história em sua marcha inexorável em direção ao progresso da humanidade. Aqui, se a experiência do vivente é sem origem nem *telos*, é nessa abertura que, com Derrida, se pode pensar a ética e a política em termos de uma experiência radical de hospitalidade, ou de hospitalidade sem condição. Embora esse termo tenha sido muito mobilizado no debate específico sobre o problema dos sem-documentos na Europa, a mim parece que pode se articular com a condição de um estar lançado radical que Derrida herda de Heidegger e radicaliza.

Suportes

Memorando é uma palavra que se refere a um suporte exterior para memória, a algo que possa garantir a univocidade do lembrado de tal forma que assegure também toda e qualquer historicidade. Não por acaso o termo é usado em sistemas burocráticos em geral como forma de registro. Memorandos são arquivados como provas, documentos de recuperação da verdade, carimbados e assinados como declaração. Memorando como gerúndio do verbo memorar me leva a deslocá-lo deste lugar de

fixação para aproximá-lo de outros gerúndios: diferindo e adiando como hipóteses de traduções imperfeitas para *différance*.

No meu trilhamento, passo por esse termo – *différance* – cunhado por Derrida em algum momento dos anos 1960, de tal forma que se torna tarefa impossível a seus leitores marcar sua origem ou sua primeira vez. Até ganhar uma conferência especialmente dedicada a explicar o “a” da *différance*, ou objeto a da filosofia de Derrida (1972 [1968]).

É por que percebe em Freud outra forma de pensar a temporalidade que Derrida interroga o ideal de presença a si do sujeito e propõe o termo *différance* para apontar a impossibilidade de origem, ou de origem como não-origem, primeira vez já como repetição. Se admitimos que todo sentido é originariamente habitado pela possibilidade repetição, o sentido está também habitado pela possibilidade da sua morte. Só há sentido onde há força, só há produção de sentido onde há vida, o que quer dizer que não há um sentido previamente dado que se demora, que me-mora, me habita, mas também pode querer dizer que os sentidos que rememoro revivem, fantasmáticos e espectrais, indicando a inseparabilidade entre vida e morte, ou o que Derrida uniu por um traço: vida-morte.

A repetição me faz pensar no problema da temporalidade, nos memorandos e nos meandros da memória, cujos traços não são mera restituição sem diferença. “A repetição *não sobrevém* à primeira impressão, a sua possibilidade já está ali, na resistência pela primeira vez oferecida pelos neurônios psíquicos. [...] É a própria ideia de primeira vez que se torna enigmática” (DERRIDA, 2009, p. 297). Como numa cena teatral, toda repetição é a primeira vez, toda primeira vez é repetição. No recurso a Freud, Derrida percebe que no funcionamento desse estranho mecanismo de repetição e primeira vez está uma memória não mais ligada ao conhecimento ou à evocação daquilo que tenha sido arquivado do passado, mas ao diferimento e ao adiamento que se dão no movimento de permanente diferenciação, de *différance*, memória marcada por um atraso originário (DERRIDA, 2009, p. 299).

Esse atraso vem questionar a autoridade da consciência que, na filosofia de Husserl, é garantia de univocidade e em Derrida, com Freud, indicação do que ousaria chamar de equivocidade originária. Essa origem como apagamento de origem é uma questão que atravessa a ligação entre filosofia e psicanálise no pensamento derridiano a partir do deslocamento do conceito de escrita para o conceito de escrita psíquica tal qual pensado por Freud. Podemos lembrar que Derrida recorre aos conceitos de traço [Spur]

e efração [Bahnung] em Freud para pensar a diferença. “Não se pode descrever a origem da memória e do psiquismo como memória em geral (consciente ou inconsciente) sem levar em conta a diferença entre as efrações. Freud o diz expressamente: não há efração sem diferença e não há diferença sem traço.” (DERRIDA, 1972, p. 19). A partir daí, *différance* será pensada por Derrida, com Freud, como todas as diferenças na produção de traços escritos e inscritos no inconsciente.

Escrita psíquica como circulação de energia entre consciente e inconsciente aponta para a interrupção do conceito de presença do sentido, presente no sujeito que fala. A *différance* aqui aparece como o que rompe com o conceito de presença porque esse movimento é infinito, só pode ser pensado como adiamento e, portanto, porvir. Mas é importante lembrar que *différance* associada à outra temporalidade do inconsciente pode ser também e principalmente embaralhamento da separação entre presente, passado e futuro. Me-morando, habito todos esses tempos ao mesmo tempo, sem nem poder separá-los nem pretender fazer, como muitas vezes se disse de Benjamin, com que a percepção da presença do passado no presente e no futuro seja reduzida à mera nostalgia ou melancolia, como luto inacabado de um passado que já deveria ter passado. É, ao contrário, quando reconhece a presença do passado no presente e no futuro que Benjamin pode perceber as passagens de Paris como a passagem para a modernidade, tradição e inovação ao mesmo tempo, sem que o novo possa se estabelecer como completamente novo, e sem que o antigo possa desaparecer sem deixar rastros.

É aliás por isso que Benjamin está na epígrafe desse texto: contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, como fazemos na filosofia, recontando e rememorando os textos dos autores que lemos, como faz o sujeito em análise, recontando e rememorando suas escritas psíquicas, inscrições, sua gramática singular, o que supõe que não se terá a propriedade sobre aquilo que chamamos de nossa própria história, como não se terá a propriedade daquilo que chamamos de nossa própria língua nessas cenas da escrita que são a filosofia e a psicanálise.

Validade da verdade

A filosofia transcendental passa pela reivindicação do regime de validade de verdade e surge na história da filosofia com o objetivo de responder ao ceticismo em relação à possibilidade de conhecimento do mundo. Se pensarmos na filosofia transcendental como uma resposta ao ceticismo, talvez possamos também pensar que o

quasi-transcendental se estabelece não como um terceiro termo, mas como aquilo que circula nessa oposição entre ceticismo e racionalismo. Nessa circulação, penso o memorar e o memorando não como topologia, mas como movimento, seja entre consciente e inconsciente, seja entre presente, passado e futuro. Se o objeto da filosofia transcendental são as condições de possibilidade de conhecer o objeto, o quasi-transcendental seria então o abalo da pretensão de determinar as condições de possibilidade de conhecer o objeto não como uma volta ao ceticismo, mas como introdução de um outro elemento, ou introdução do elemento do outro: a diferença que marcará a condição de (im)possibilidade de localizar tanto a origem quanto o fim. Sem origem quer dizer aqui sem fundamento, sem estabelecimento, seja no sujeito, seja na experiência, seja na razão, a origem do conhecimento em geral. Será na habitação instável da memória – aqui pensada como outra temporalidade – que Derrida, com Freud, mas também com Heidegger e Levinas, e ainda com Nietzsche e Benjamin, faz o percurso de leitura de Husserl que privilegio aqui.

Não sem antes fazer justiça a Vladimir Safatle, por que foi lendo o seu *Fazer justiça a Freud* que me interessei pela leitura que Derrida faz de Freud para interrogar a fenomenologia de Husserl. Fazer justiça a Freud seria também fazer justiça a Derrida, autor cuja recepção no Brasil, parte de um *a priori* ainda a ser desconstruído, o de que o pensamento da desconstrução não pode ser considerado filosofia por não ter nada a dizer sobre regimes de verdade. O fato de que Derrida os faça circular entre a filosofia e a psicanálise e, com isso, abale as pretensões da filosofia transcendental de estabelecer as condições de possibilidade da verdade, diz muito sobre os motivos para o campo filosófico brasileiro não considerá-lo um filósofo “de verdade”, já que ele também não é um filósofo “da verdade”.

Ao situar a decisiva entrada de Derrida, no final do século XX, no campo da teoria do conhecimento, penso poder fazer circular o pensamento de Derrida entre a filosofia e a psicanálise, entre o transcendental e o quasi-transcendental, *como se* esta circulação fosse um memorando, uma lembrança, uma memória, uma diferença que inscreve a possibilidade de verdade nesse “quasi” que uso *como se* fosse meu, cuja impropriedade já me é própria. Com o quasi-transcendental, me interessa apontar como Derrida se interessa pela pretensão de Husserl de eliminar toda equivocidade da linguagem, o que tornaria possível a reunião do sentido e a pura transmissão da história.

“Husserl jamais deixou de apelar para o imperativo da univocidade. A equivocidade é o caminho de toda aberração filosófica. É difícil não antecipar aqui que

o sentido da equivocidade em geral é ele mesmo equívoco” (DERRIDA, 2014, p. 102). Lendo a primeira meditação das *Investigações lógicas*, Derrida encontra o reconhecimento, por parte de Husserl, “de que há na linguagem uma plurivocidade contingente, mas inevitável, que não se saberá eliminar das línguas por nenhum artifício ou convenção” (DERRIDA, 2014, p.102, citando §60 da primeira meditação). Quando o sujeito depende da linguagem para instaurar o mundo diante de si, e quando a consciência desse sujeito é pensada, com Freud, como “superfície oferecida ao mundo exterior” (DERRIDA, 2009, p. 312), estão abaladas as possibilidades de univocidade da linguagem e de assegurar a pura historicidade, intenção que Derrida atribui a Husserl: “A univocidade sustentaria a verdade da história. (...) A univocidade é condição de comunicação entre pesquisadores não importa a que distância. É garantia de exatidão e pureza da tradução. (...) A exigência de univocidade formulada por Husserl (...) é a redução da história empírica em direção a uma história pura” (DERRIDA, 2014, p. 104). É esta equivocidade que será, tanto para a filosofia de Derrida quanto para a psicanálise, aquilo que importa na linguagem, no sujeito da linguagem, e nas histórias contadas e recontadas.

Origens

Se no primeiro capítulo de *Gramatologia*, Derrida trata de exemplificar como a história da filosofia, de Platão a Heidegger, havia secundarizado a escrita em relação à fala, no segundo capítulo a tarefa do filósofo será mostrar como não se pode pretender produzir filosofia como teoria do conhecimento a partir do modelo das ciências matemáticas, ou, para voltar aos termos de Husserl, como não se pode eliminar a equivocidade da linguagem, da ciência, do objetivismo ou do racionalismo. Na leitura que o comentador Patrice Maniglier (2011) faz deste segundo capítulo, ele observa que ali o gesto mais importante de Derrida é perceber que a escrita não pode ser concebida como derivada da oralidade, nem como totalmente independente dela, já que existe uma dimensão gramatical na fala, construída a partir de pontuações diferenciais. “Tudo se passa”, argumenta Maniglier, “como se já fosse preciso ter uma certa relação com a possibilidade de escrita, no sentido de rastro puro, para poder falar. O que faz com que essa noção de escrita não possa mais ser reduzida ao simples sistema gráfico de fixação da fala, mas funcione como um quasi-transcendental que só é origem negando a possibilidade de origem” (2011, p. 375). Arquitraço, aqui-escrita, escrita psíquica, origem como apagamento da origem, recalçamento do fato de que a fala do sujeito –

que pretende ser origem do sentido do mundo – depende da estrutura gramatical da escrita, de seus pontos, vírgulas, traços, grammas, grafemas, espaços em branco, vazios.

Minha circulação entre memória e história, entre origem e *telos*, entre escrita e inconsciente passa também pela noção de suplemento, cara à filosofia de Derrida desde as primeiras linhas de *Gramatologia*, quando ele adverte: trata-se de “desenhar em traços largos uma matriz teórica” que permita “uma leitura do que poderíamos talvez denominar a *época Rousseau*”. Apenas a título de hipótese, uma hipótese que circula em torno de si mesma, porque não se pretende comprovável, proponho que ao denominar a modernidade como época Rousseau, Derrida está promovendo um deslizamento da modernidade filosófica, tradicionalmente originada no cogito cartesiano, para a modernidade marcada como época da escrita como suplemento, que teria caracterizado um certo modelo de *episteme*. Com o termo suplemento – ou prótese de origem –, Derrida problematiza duas ideias caras à história da filosofia, gênese e teleologia.

Derrida desloca o eixo do pensamento moderno do cogito cartesiano para pensar a noção de suplemento, aqui entendido como inseparável da sua crítica à metafísica como metafísica da presença, que tanto pode ser presença do conteúdo, da coisa mesma, da consciência, como metafísica do presente, no sentido da sucessão de “agoras” que Heidegger (1953) identifica como fundamento da filosofia transcendental em Kant. Para Heidegger, a intemporalidade é o fundamento oculto da síntese transcendental kantiana, tempo puro anterior à toda experiência, intemporalidade que ele irá repensar ao apontar a finitude do *Dasein*.

Por fim, com a época Rousseau, Derrida se alinha a uma outra possibilidade de leitura de Descartes na França⁴ – tema que faz parte do seu debate com Foucault sobre *História da loucura* –, leitura que circula em torno da reivindicação de fazer justiça a Freud⁵ e da constatação de que a loucura, a extravagância, a demência, e a insanidade não foram banidas do cogito cartesiano. Derrida toma a palavra desrazão do título original do livro de Foucault (*Folie et déraison, Histoire de la folie à l'âge classique*) como aquilo que embaralha, desvia, e impede a simples oposição entre loucura e razão. Razão desviante, errante, razão equívoca, com a qual estamos muito longe de uma definição clássica de razão. Desrazão como equivocidade da linguagem, tal qual Derrida percebe como sendo o objetivo de Husserl eliminar, tal qual Derrida percebe como sendo o objetivo da literatura de Joyce explorar. O autor de *Ulysses* será, para ele,

⁴A respeito deste tema, remeto ao excelente trabalho de Alexandre Guimarães: “Lévinas e Derrida leitores de Descartes”. IN: HADDOCK-LOBO, R. et ali (org). Heranças de Derrida – da linguagem à estética. Volume 2. Rio de Janeiro : NAU Editora, 2014.

⁵Fazer justiça à Freud é o título do segundo texto de Derrida sobre História da Loucura, é também o título do artigo de Safatle.

aquele que cultiva a equivocidade usando a linguagem em todas as suas formas mais engenhosas (DERRIDA, 1987).

Chego ao final propondo uma homofonia imperfeita entre memorar e demorar [demeure], ambos marcados pela ideia de morada, habitação, casa. Demorar como sinônimo para permanecer, demorar como Derrida se demora⁶ sobre *O instante de minha morte*, de Maurice Blanchot, para falar da literatura como morada de um pensamento equívoco, e memorar como lembrar daquilo que se demora na memória, memória como produção de encontro entre vida e morte, entre o vivo e morto, memória como impossibilidade dessa separação que faz com que a vida esteja desde sempre marcada por uma relação dialética com a morte, de tal forma que nem a vida nem a morte tem valor em si, mas ambas moram ou se demoram uma na outra.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução Giovanni Reale. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

BENJAMIN, W. “O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. Tradução Sergio Paulo Rouanet. IN: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993. 5ª. edição.

_____. *Paris – capitale do XIX siècle. Le livre des passages*. Paris : CERF, 1989.

DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1967. [Gramatologia. Tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004]

_____. “Freud et la scène de la écriture”. IN: *L’écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967. [Freud e a cena da escritura. IN: A escritura e a diferença. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2009, 4.a edição.]

_____. *La différance*. IN: *Marges de la philosophie*. Paris : Minuit, 1972. [Margens da Filosofia. Papyrus: Campinas, SP : 1991]

_____. *Ulysses gramofone – Deux meuts pour Joyce*. Paris : Galilée, 1987.

_____. *Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl*. Paris : PUF, 1990.

DERRIDA, Jacques. *Demeure: Maurice Blanchot*. Paris: Galilée, 1998. [Demorar. Maurice Blanchot. Tradução de Flavia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis : Edusc, 2015 (prelo)].

_____. *La voix et le phénomène*. Paris : PUF, 2012. 3a. reimpressão.

⁶Aqui, permito-me referir à edição brasileira. Demorar. Maurice Blanchot. Tradução de Flavia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis : Edusc, 2015 (prelo).

_____. *Introduction a l'Origine de la géometrie*. Paris : PUF, 2014. 3a. reimpressão.

FOUCAULT, Michel. *Folie et déraison, Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Gallimard, 1972.

GASCHÉ, Rodolphe. *Inventions of difference on Jacques Derrida*. Londres: Cambridge: Harvard University Press, 1994.

HEIDEGGER, M. *Kant et le problème de la métaphysique*. Paris: Gallimard, 1953.

HUSSERL, Edmund. *As investigações lógicas. Prolegômenos à lógica pura*. V. 1. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MANIGLIER, Patrice. “Térontologie saussurienne: ce que Derrida n’a pas lu dans le Cours de linguistique générale”. IN: MANIGLIER, Patrice (org.) *Le moment philosophique des années 1960 en France*. Paris: PUF, 2011.

SAFATLE, Vladimir. Être juste avec Freud: la psychanalyse dans l’antichambre de De la grammatologie. IN: MANIGLIER, Patrice (org.) *Le moment philosophique des années 1960 en France*. Paris: PUF, 2011. [Fazer justiça a Freud: a psicanálise na antessala da Gramatologia. IN: HADDOCK-LOBO, R. et ali (org). *Heranças de Derrida – da linguagem à estética*. Volume 2. Tradução Ana Luiza Fay. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2014.]